

ALADI (g.41)01 pt.

A ALADI...CONTA, lendas



ALADI

Asociación Latinoamericana de Integración
Associação Latino-Americana de Integração

INTRODUÇÃO

A ALADI CONTA... LENDAS

Em maio de 2000 começamos uma viagem, sulcando os céus, abrindo caminhos imaginários, em uma nave de sonhos que incitou em nós o sentimento de um Continente próprio.

Essa nave levou-nos do sul do rio Bravo até a Patagônia. Sobrevoamos o Caribe, atravessamos a surpreendente Amazônia para chegar à indomável Cordilheira dos Andes, que voltamos a cruzar para regozijar-nos com a imensidão do rio da Prata, por vezes origem, outras tantas desaguadouro da vida que se entranha no coração continental.

A imaginação levou-nos a conhecer outras vidas, outros sentimentos, outras expressões. O imaginário foi mais forte, muito mais forte do que pensávamos e ainda mais do que sonhávamos.

Foi-se enchendo a nave. Em cada estação, a cada parada, mais e mais passageiros foram subindo e continuam incorporando-se ao sonho desta viagem de sonhos. Cem, mil, três mil, hoje mais de dez mil leitores, conta-nos nosso imaginário, tomaram assento nesta nave que, de tanto ir e vir, cresceu em ritmo acelerado. E continua contando a estória de como fazer a história da vida, e de tanto contá-la, e contar-nos, fez surgir uma série de sucessos quase tradicionais, históricos.

O sonho tornava-se realidade, tornava-se verdadeiro. E o melhor de tudo foram nossos passageiros, nossos inseparáveis companheiros de sonhos: as crianças, nossa semente, nossos «embaixadores no tempo», a quem dedicamos o melhor de nós mesmos para que, ao crescer, sejam melhores que nós; para que apaguem para sempre esses pontos e riscos que separam as estações imaginárias, nas quais continua fazendo escala nossa sonhadora nave.

Porém, sempre tem um porém, como aos sonhadores cabe sonhar, continuamos sonhando. Nossos sonhos continuaram crescendo, agigantaram-se, e pensamos em algo maior.

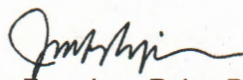
Em meio à letargia entre o sono e o despertar, recordamos que em cada estação havia um ou vários relatos de feitos históricos, tradicionais, e talvez de caráter maravilhoso. Relatos sem donos, fantasias ou realidades, pouco importa, pertencentes ao ideário popular como parte desse «realismo mágico maravilhoso», com o qual continua deleitando-nos o mais recente Prêmio Nobel do continente, que nutrem e nutrirão para sempre nossos povos, de geração em geração.

Então, pedimos à Primeira Oficial de bordo, Niré Collazo, a «contadora de estórias», que os compilasse e os narrasse. E agora, então, vamos narrá-los. Eles serão contados como foram os contos, narrados como lendas, que são, na *ALADI CONTA... LENDAS*.

Um novo ciclo, mais do que isso, uma nova forma de ver, de sentir, de viver esta emocionante e alucinante viagem imaginária por toda a extensão de nosso continente. Outra maneira de despertar o latino-americanismo em nossas sementes, em nossas mudas.

Não nos demoremos mais. Não retardemos mais esta nova decolagem dos sonhos. Façamos voar novamente nossa imaginação e embarquemos nessa nave, agora com novo cardápio, porque agora temos a *ALADI CONTA... LENDAS*.

Montevideú, agosto de 2004.



Juan Francisco Rojas Penso
Secretário-Geral

...INTEGRAÇÃO por meio das lendas nos integramos



O QUE É A ALADI?

A Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) é um organismo intergovernamental que reúne doze países-membros da América Latina como sócios:

ARGENTINA	COLÔMBIA	PARAGUAI
BOLÍVIA	CUBA	PERU
BRASIL	EQUADOR	URUGUAI
CHILE	MÉXICO	VENEZUELA

É um território de quase 20 milhões de quilômetros quadrados e mais de 430 milhões de habitantes.

QUANDO A ALADI FOI CRIADA ?

A 12 de agosto de 1980, com a assinatura do Tratado de Montevidéu, sendo signatários todos os países da América do Sul e o México, criou-se a ALADI. A 26 de agosto de 1999, a República de Cuba passou a ser o décimo segundo país-membro da Associação.

POR QUE FOI CRIADA A ALADI?

Em 1960 foi assinado o primeiro Tratado de Montevidéu, que criou a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC). Naquela época, os países latino-americanos negociavam, principalmente, com a Europa e com os Estados Unidos.

Como decorrência do após-guerra houve mudanças favoráveis para a economia dos países da América Latina, porque seus bens primários (carne, cacau, açúcar, etc.) encontraram mercados nessas nações devastadas. Pouco tempo depois, os países europeus iniciaram um reordenamento de suas economias e impulsionaram a recuperação do setor agrícola e industrial. Esta nova realidade incidiu negativamente nas exportações latino-americanas.

Os Governos latino-americanos, com a finalidade de encontrar medidas de correção e impulsionados pelas exigências de criar fontes alternativas de emprego para uma população com uma das maiores taxas de crescimento

(2,6%), iniciaram planos de industrialização para atender às necessidades de abastecimento em bens de consumo duradouros e bens de capital. Este objetivo, unido ao interesse de captar maiores investimentos, destinados ao desenvolvimento do parque industrial, levava ao crescimento do pequeno mercado, obrigando, com a produção massiva, a queda de custos e o aumento do rendimento, permitindo melhores possibilidades de negociação.

Dessa forma, em 1960 assinou-se um acordo inicial entre sete países: Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai, tendo por objetivo alcançar uma maior integração econômica, através da ampliação de seus mercados e da expansão de seu comércio recíproco. A Colômbia, Equador, Bolívia e Venezuela uniram-se depois.

Em 1980, os Governos destes onze países modificaram o antigo Tratado e decidiram reafirmar a vontade política de fortalecer o processo de integração, torná-lo mais flexível em sua aplicação, e assinaram o novo Tratado de Montevideu (TM-80).

PARA QUE SERVE A ALADI?

- Para promover e regular o comércio recíproco dos países-membros.
- Para apoiar a complementação econômica entre eles.
- Para realizar ações de cooperação, que contribuam para a ampliação de seus mercados nacionais.

QUAIS OS OBJETIVOS DA ALADI?

A criação de uma área de preferências econômicas, tendo como objetivo final a criação de um mercado comum latino-americano.

A ALADI foi criada com o propósito de reduzir e eliminar gradualmente as dificuldades ao comércio recíproco de seus países-membros, impulsionar o desenvolvimento de vínculos de solidariedade e a cooperação entre os povos latino-americanos, promover o desenvolvimento econômico e social da região de forma harmônica e equilibrada, com a finalidade de garantir um melhor nível de vida para seus povos, renovar o processo de integração latino-americana e criar mecanismos aplicáveis à realidade regional.

COMO TUDO ISTO É FEITO PELA ALADI?

Através de três mecanismos:

- Preferência tarifária regional: consiste em uma redução percentual dos impostos cobrados por cada país a suas importações, quando os produtos provêm da região.
- Acordos regionais: são os acordos assinados entre todos os países-membros. Por exemplo: lista de abertura de mercados em favor dos países de menor desenvolvimento econômico relativo (Bolívia, Equador e Paraguai), acordo de cooperação científica e tecnológica, acordo de intercâmbio de bens nas áreas educacional, cultural e científica.
- Acordos de alcance parcial: são os acordos assinados entre dois ou mais países, sem obrigação de que participem todos. Existem quase 100 acordos deste tipo e de natureza muito diversa: promoção do comércio, complementação econômica e industrial, agropecuários, etc.

O TM-80 também permite que os países-membros da ALADI assinem acordos com outros países latino-americanos ou em via de desenvolvimento. Esta flexibilidade é um princípio fundamental do Tratado e procura a convergência, ou seja, o agrupamento progressivo dos acordos parciais para alcançar uma grande área de preferências e, depois, um mercado comum. Há aproximadamente 35 acordos subscritos com países não membros, como a Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua, El Salvador, Panamá, Trinidad e Tobago, Guiana, etc.).

QUEM ORGANIZA OS TRABALHOS?

A ALADI está integrada por três órgãos políticos e um corpo técnico:

- Conselho de Ministros das Relações Exteriores: é a máxima autoridade, que adota as decisões mais importantes e indica as ações a seguir;
- Conferência de Avaliação e Convergência: está integrada por Representantes dos países-membros e tem entre suas funções examinar o funcionamento do processo de integração em todos os seus aspectos, a convergência dos acordos de alcance parcial através

da multilateralização progressiva e promover ações de maior alcance para aprofundar a integração econômica;

- Comitê de Representantes: é o foro político permanente, responsável pela negociação e pelo controle de todas aquelas iniciativas destinadas a aperfeiçoar o processo de integração. Está integrado pelas Representações Permanentes dos países-membros; e
- Secretaria-Geral: é o corpo técnico da Associação. Tem, entre outras funções, a de propor, analisar, estudar e fazer gestões para facilitar as decisões que os Governos devem tomar.

A Secretaria está dirigida por um Secretário-Geral e dois Secretários-Gerais Adjuntos e está constituída por 5 departamentos técnicos; possui, também, uma Biblioteca, cuja base de dados é uma das maiores em matéria de integração da América Latina.

O PORQUÊ DA ALADI NA VIDA ESTUDANTIL

- Porque toda esta organização está orientada a criar as condições necessárias para que a América Latina, através da união de esforços e de seu potencial de riquezas naturais, alcance um maior desenvolvimento e melhorias nas condições de vida, saúde, educação e trabalho de seus habitantes.
- Porque à vontade política de integrar-se, embora esteja incorporada a muitas das Cartas Magnas dos países, deve ser incluída a iniciativa do homem de negócios, do produtor, do industrial, dos fabricantes e comerciantes, aos quais corresponderá entender, aproveitar e utilizar as novas e múltiplas possibilidades que coloca à sua disposição o Tratado de Montevideú 1980.
- Porque aos estudantes, que são os que terão em suas mãos o futuro de nossos países, corresponderá entender, aproveitar e utilizar as novas e múltiplas possibilidades que coloca a sua disposição o Tratado de Montevideú 1980.



LENDAS



LENDAS*

- ARGENTINA A Árvore do Milagre
- BOLÍVIA As Grutas de Illimani
- BRASIL A História de Iasá
- CHILE O Poder das *Wakas*
- COLÔMBIA A Lenda das Esmeraldas
- CUBA Os Pássaros de Cores
- EQUADOR Nunkui, a Criadora das Plantas
- MÉXICO A Mulata de Córdoba
- PARAGUAI O *Ñandubay*
- PERU O Mensageiro do Sol

*As lendas são narrativas etiológicas, isto é, explicam práticas e costumes de ideais religiosos ou de grupos humanos em particular. Seus protagonistas são heróis que se identificam com o poder, a astúcia e o valor. Também encontramos lendas sobre a origem ou atitudes de aves ou árvores.

As lendas são narrativas tradicionais fantásticas, essencialmente admirativas, geralmente pontualizando personagens, épocas e lugares determinados. Elas são a expressão mais delicada da literatura popular.

N. do T. Seguindo a tradição da antropologia brasileira, e de acordo com a convenção da Associação Brasileira de Antropologia de 1953, os nomes de povos indígenas foram grafados com letra maiúscula e sem flexão de plural.

Compilação das lendas realizada pela narradora Niré Collazo.

ARGENTINA



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

A ÁRVORE DO MILAGRE

Corria rápido rumo ao final o século XIX. E, vencendo o tempo, os missionários brigavam para terminar a igreja para o povo de San Javier, na Província de Santa Fé.

O Padre Hermete passeia, neste dia, mais preocupado que de costume. Conseguiu vencer obstáculo após obstáculo em sua função de Superior da Missão, mas agora se apresenta um problema insolúvel.

Caminha com as mãos apertadas às costas... caminha pela rua arenosa e, sem dar-se conta, seus passos o levam até a ribeira do Quiloazas. O rio está virado, o lombo inchado e as águas empinadas pela cheia iminente. As plantas aquáticas desprenderam-se de sua tranqüila linfa habitual e passam flutuando diante de Hermete, que murmura para si: – «A cheia já está aqui, Deus queira que respeite o povoado.» Recorda-se de outros anos e pensa quase com raiva: – «Cheia maldita!» – mas arrepende-se em seguida.

Não se permite mais recreios, o Padre Hermete, e regressa apressado à obra querida, que é o motivo de sua preocupação atual: a igreja. Vê o prédio quase terminado, a ponto de ser concluído. Não fosse... não fosse a falta em toda a região de árvores altas que pudessem fornecer-lhes a madeira para as vigas do teto. E o problema é ainda maior: também carecem da madeira necessária para os tirantes, para as janelas, para a porta que promete ser imensa.

O Padre Rossi sai ao seu encontro. Entre ambos há uma estreita relação de equipe. Dedicaram ao templo muita energia, muito esforço... trabalharam de catequistas, professores, pedreiros, agrônomos e agora precisam que a madeira chegue até San Javier para que tudo o que foi feito não se perca. Mas não há árvores para fornecê-la. Olham-se e se entendem. Ambos murmuram: – «Confiemos na Providência.»

Porém, sabem que, com a cheia que se aproxima, tudo será mais difícil: os caminhos serão interrompidos, as passagens serão obstruídas e, ainda que consigam a madeira, não será possível trazê-la até San Javier.

Nesta noite choveu, parecia que se haviam aberto comportas no céu, pois a água caía em torrentes, como se fossem esgotar as chuvas do planeta. Pela manhã, uma das primeiras pessoas a sair foi dona Chiche, gritando seus Toooooorta friiiiiiiiiiiiiita! Porém, quando se aproximou das casinholas próximas ao rio, sua voz emudeceu, sua boca parecia ocupar-lhe todo o rosto ao abrir-se em um grito ao marido: – «Manuel!!! Manuel, Manuel!!!» – continuou gritando até chegar a sua casa.

Ambos foram batendo de porta em porta, levantando os vizinhos, procurando os sacerdotes. Quando todos se reuniram na costa, compreenderam a urgência: a cheia, furiosa com tanta água que caía, havia aumentado seu caudal e trazido, sabe-se de onde, uma árvore imensa, uma árvore tão, mas tão grande que seu tronco obscurecia a ilhota vizinha. Sem medir conseqüências, os homens jogaram-se ao rio. Podia-se vê-los desaparecer entre as águas turbulentas para voltar a emergir, apenas um pouquinho mais perto da ilhota, enquanto o tronco ia soltando-se pouco a pouco. Se o gigante recuperasse sua liberdade antes que todos os homens chegassem, tanta madeira, tanto sacrifício seriam perdidos.

Mas não, a ressaca da costa não deixava escapar sua presa, assim que, quando os vizinhos chegaram, alguns soltaram o gigante, outros subiram na árvore para guiá-la e os demais puxaram e empurraram, nadando como podiam, resgatando-se mutuamente da fúria da água. Ninguém soube como a gente do povoado fez para levar até a costa aquele esplêndido exemplar. Ninguém soube tampouco explicar como, depois de serrá-lo para obter todas as vigas e tirantes, e tendo deixado a sobra da madeira no telheiro, de manhã, quando regressaram, havia madeira suficiente para fazer a imensa porta de entrada.

E menos ainda puderam explicar como, depois de extrair madeira para as imensas vigas, para os generosos tirantes, para a grande porta, ainda tiveram madeira para fazer alguns móveis, e também as janelas, e ainda sobrou-lhes para as portas da casa e da escola. Talvez a cheia tenha trazido a Árvore do Milagre. Quem sabe?

*Dados tirados da História de San Javier,
de Luis Sartor (Edição do Autor)*

¹ N. do T. *Torta frita*: massa de farinha de trigo, óleo, água e sal, que se frita em lâminas redondas ou quadradas e se come pura ou polvilhada de açúcar.

BOLÍVIA



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

AS GRUTAS DE ILLIMANI

Certo dia, um indiozinho chamado Yucaré caminhava pelo sopé da montanha quando encontrou sobre as pedras um pequeno e pobre condor ensangüentado e sujo. Seu primeiro impulso foi matá-lo, mas logo sentiu pena; juntou-o e colocou-o de volta ao ninho de onde havia caído.

– «Obrigado, muito obrigado! Meus pais saberão que tu me salvaste»
– disse o filhote quase imperceptivelmente.

No outro dia, ao passar por um precipício, Yucaré viu que dois enormes condores voavam em sua direção. Atemorizado, agarrou um pedaço de pau e preparou-se para lutar, mas quando o condor percebeu a reação do menino, gritou-lhe do alto:

– «Não tenhas medo, amigo. Não tenhas medo, não te faremos mal; viemos apenas agradecer-te por ter salvado nosso filhinho.»

Quando Yucaré viu que, de fato, não corria perigo, soltou o pedaço de pau e convidou o casal de condores a pousar. O condor colocou-se à sua direita e sua esposa, à sua esquerda.

– «Queremos te agradecer» – disse papai condor.

E a fêmea perguntou em seguida:

– «O que desejas? O que gostaria de fazer?»

O indiozinho pensou muito antes de responder. E disse:

– «Levem-me ao cume do Illimani. Nada mais lindo que voar, voar e contemplar a Terra do alto.»

– «Muito bem» – disse a fêmea. E combinaram de se encontrar no dia seguinte para realizar o desejo do jovem índio.

Na manhã seguinte, conforme o combinado, Yucaré montou nas costas da mamãe condor. Ela correu alguns metros, bateu as asas e começou a elevar-se pouco a pouco. Instantes depois já não se podia ver a terra: uma espessa neblina cobria o céu. Voavam e voavam cada vez mais alto; o frio entumescia os ossos, mas a subida continuava. E voaram e voaram até o cume do Illimani. Ao chegar, Yucaré despediu-se de seus bons amigos e continuou pela superfície escarpada. Depois de muito esforço, encontrou uma misteriosa gruta, na qual penetrou com curiosidade e dificuldade. No princípio não podia ver nada, pois a luz era escassa, mas pareceu-lhe enxergar na penumbra as silhuetas de um homem e uma mulher sentados e apoiados na parede.

Estavam com os braços cruzados. O ouro de suas pulseiras reluzia em seus braços, assim como as vasilhas e copos de prata que os rodeavam.

Yucaré ficou impressionado e seguiu penetrando na misteriosa gruta. Ao longo do caminho, encontrou uma bolsa com facas e flechas, plumas e grandes pedaços de resina, que colocou sobre um prato de argila e queimou. Já com luz, o corajoso menino internou-se mais e mais, cheio de curiosidade, nas profundezas da montanha.

Desceu até chegar a uma grande câmara onde encontrou um fuso e fios muito coloridos, alforjas tecidas em tear e muitos outros objetos de estilo incaico de grande valor. Maravilhado, continuou descendo, mas no último degrau perdeu o equilíbrio, resvalou e caiu. O prato fez-se em mil pedaços e não tinha mais luz.

Depois de dar alguns gritos desesperados, o indiozinho observou que a gruta não estava completamente escura. A um lado podia-se divisar

uma leve claridade. Com muito esforço, começou a caminhar e depois de muito tempo, encontrou uma galeria de túneis subterrâneos que o conduziu a uma nova gruta, iluminada pelo sol. Dirigiu-se em alvoroço para a saída, ficando momentaneamente cego pela luminosidade.

Na madrugada do dia seguinte, o resoluto e corajoso Yucaré estava de volta em casa. Não quis contar a ninguém sobre os tesouros que encontrara nas grutas do Illimani, para não despertar a cobiça e a ambição entre seus irmãos. E não o fez até muitíssimos anos mais tarde.

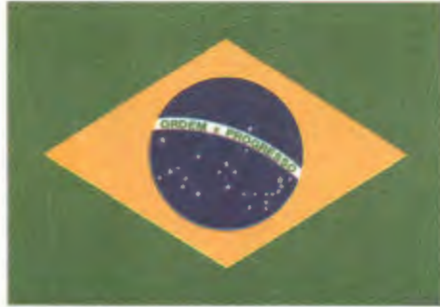
Muitos foram os homens que subiram até as grutas do Illimani, mas nenhum pôde encontrar o imenso tesouro escondido pelos incas. Entretanto, a riqueza permanece no mesmo lugar há séculos.

Glossário:

Illimani:

1. *Cume na Cordilheira dos Andes, na Bolívia, de 6.710 metros de altura.*
2. *Termo indígena para designar o condor.*

BRASIL



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

A HISTÓRIA DE IASÁ

Lenda Kaxinawá

Na tribo Kaxinawá vivia uma jovem tão linda que todos os que a viam apaixonavam-se por ela. Mas lasá amava somente Tupá, filho do deus supremo Tupã.

O demônio Anhangá, também apaixonado por lasá, sentia uma terrível inveja de Tupá e decidiu roubar-lhe a namorada. Para conseguir seu intento maligno, apareceu um dia para a mãe de lasá e disse-lhe:

– «Se tu impedires o casamento de lasá e Tupá e fizeres com que tua filha case-se comigo, eu te darei caça e pesca abundante durante toda a tua vida.»

A ambiciosa mãe pensou que se obedecesse a Anhangá não teria mais que se preocupar em conseguir alimento. Imediatamente proibiu lasá de voltar a ver Tupá e decidiu marcar a data do casamento de sua filha com Anhangá.

Ao saber da decisão de sua mãe lasá sentiu-se desesperada. Sabia que ao casar-se com Anhangá teria de ir viver no inferno, no centro da terra, e que jamais voltaria a ver o céu, onde vivia seu amado Tupá junto a seu pai, o deus supremo Tupã. Em sua tristeza, quis ver Tupá uma última vez, ainda que de longe, e pediu permissão a Anhangá.

O demônio decidiu conceder esse desejo de lasá, mas impôs uma condição:

– «Farás uma ferida em um braço para que as gotas de teu sangue marquem o caminho que te leva ao céu, assim poderei seguir-te.»

Conforme o prometido, no dia marcado para o casamento, pouco antes da cerimônia, lasá partiu para visitar Tupá pela última vez. Havia-se feito uma ferida no braço e, à medida que avançava, as gotas de sangue iam formando um arco vermelho no céu.

Tupá, que era muito poderoso, ordenou ao sol, ao céu e ao mar que acompanhassem lasá em seu caminho e que, para confundir Anhangá, desenhassem mais três arcos no céu ao lado da listra vermelha. O sol, Guarací, traçou um arco amarelo, o céu, luacá, desenhou um arco azul claro, e o mar, Pará, fez um arco azul escuro.

Mas lasá não conseguiu chegar ao céu, nem ver Tupã; debilitando-se cada vez mais, foi caindo lentamente em direção à terra. Seu sangue misturou-se com a listra amarela de Guarací e formou um arco cor-de-laranja que, ao misturar-se com o arco azul de luacá, desenhou um arco violeta.

Ao cair na terra, lasá morreu em uma praia, banhada pela água do mar e pelos raios do sol. Não se casou com Anhangá, nem foi para o inferno...

De seu corpo subiu um arco verde, formado pela mistura do azul de Pará com o amarelo de Guarací, e converteu-se no sétimo arco que acompanhava a trajetória dos outros seis.

Assim formou-se o primeiro arco-íris e esta é a história de por quê ele tem sete cores e aparece sempre no céu em forma de arco.

Glossário:

Kaxinawá:

Grupo indígena (Pano) de rica tradição oral, que habita a região do rio Purus, no norte do Brasil, e do rio Curanja, no Peru.

CHILE



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

O PODER DAS WAKAS

Há muito tempo, o povoado de Jatun Taki, localizado em Chinchaysuyu, foi castigado por Inti Tayta e Pura Mama, porque seu povo foi perdendo os bons costumes ao pensar que era auto-suficiente e que o temor às *Wakas* era próprio dos povos atrasados e débeis. Então, começaram a esquecer-se das rezas, dos cânticos que dedicavam ao amanhecer, ao meio-dia e à noite, assim como das rezas e dos cantos que dedicavam à terra e do respeito que deviam à vida. Sua arrogância foi tão grande que desagradou Inti Tayta e Pura Mama, e eles pediram às *Wakas* – Anawa, Ayanka, Iniyani, Tuwii, Itaiki – que abandonassem esta região e fossem ajudar em outras regiões.

As *Wakas* espalharam-se por diferentes regiões e, com seu poder, ajudaram para que elas fossem bem-sucedidas em todas as suas atividades. Enquanto isso, o povo de Jatun Taki viu com muita preocupação que seus riachos começavam a secar, que seus frutos maduros eram devorados com muita ansiedade pelos vermes e por bandos de pássaros que atravessavam os céus, que a relva começava a secar e a terra adquiria uma cor avermelhada e seca, o campo tornava-se estéril e a população começava a desesperar-se.

Arrependidos trataram de recordar as rezas e os cânticos que seus ancestrais lhes havia ensinado, mas como já não recordavam, acudiram aos anciãos, que iam ensinar-lhes novamente os cantos, em homenagem às crianças que haviam nascido naqueles últimos anos. Então pegaram seus tambores, seus *pinkullus*¹, suas flautas e começaram a cantar e a dizer as rezas, que o povo foi aprendendo. Assim passaram cinco dias e cinco noites até ficarem exaustos e debilitados e todos dormiram de tanto cansaço, e uma brisa de ar fresco começou a percorrer o povoado de Jatun Taki, a chuva fez-se presente e o povo foi despertando e todos começaram novamente a cantar, a exclamar as rezas que, mais uma vez, lhes ensinaram

os anciãos. Um dia, em meio às trevas que obscureciam os quatro horizontes, as *Wakas* retornaram com seus vestidos replandecentes. Todos se regozijaram e fizeram soar com mais força os tambores, as flautas, os *pinkullus*; assim o povo de Jatun Taki aprendeu a lição e sua arrogância perdeu-se no tempo.

Glossário:

Inti: Sol

Tayta: Pai

Pura: Terra

Mama: Mãe

Wakas: Lugar sagrado, ídolo, sepulcro dos indígenas bons

Anawa, Ayanka, Iniyani, Tuwii, Itaiki: Nome das Wakas de Jatun Taki

¹ N. do T. *Pinkullu*: (quéchua) ocarina.

COLÔMBIA



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

A LENDA DAS ESMERALDAS

Há muitíssimos anos, há mais de quinze séculos, dizem os que sabem, vivia no planalto colombiano o povo Chibcha. Era uma terra pródiga, que dava duas colheitas ao ano e, sem muito esforço, todos prosperavam. Os Chibcha cresceram e logo esqueceram-se de seus deuses, guerreavam entre eles, ocupavam-se apenas dos prazeres e eram muito poucos os que continuavam trabalhando. Chia, a deusa da noite, pediu um forte castigo para eles, mas Suá, o Sol, e Bachué, a Natureza, decidiram dar-lhes outra oportunidade. Pensaram e pensaram entre os três e resolveram que o melhor seria encarnar uma divindade em um ventre humano. Foi assim que sopraram sobre a Terra e uma mulher pura e bela, esposa de um artesão, deles concebeu. Esse sopro divino frutificou e dele nasceu um menino a quem chamaram Bochica, filho do Céu.

O menino cresceu sadio de corpo e espírito e logo deslumbrou a todos por sua inteligência. Seu juízo era tão certo, suas palavras tão sábias, que os anciãos e os sacerdotes da tribo reuniram-se para examinar seus conhecimentos.

E, assim, o admitiram na casta poderosa, ainda que fosse ele de origem humilde. E o instruíram em conhecimentos secretos e saberes prodigiosos. Bochica crescia fazendo o bem. Aconselhava sobre as colheitas, ajudava a ler no céu os sinais do tempo, predizia os acontecimentos e, logo, começou a fazer curas extraordinárias.

Os milagres sucederam-se e a fama de Bochica chegou aos confins mais distantes do império Chibcha. Foi, então, chamado a Bataca, a capital do reino. Ali prosseguiu sua obra. Bochica havia compreendido a origem de suas extraordinárias faculdades e decidido que sua passagem pela terra era para fazer o bem.

Em Bataca, a capital, com o apoio do rei, pôde fortalecer sua obra. Pregava a justiça e a bondade entre seus semelhantes; ensinou-lhes a arte da cerâmica, do tecido, como aproveitar os rios, como cuidar do meio em que viviam. Deu-lhes códigos de respeito, de convivência e ensinou-lhes a amar os deuses.

Por conselho de Bochica, o rei Zippa fez construir numerosos e belos templos em honra às três divindades e o povo acudia a eles para elevar suas orações.

O povo Chibcha havia voltado a respeitar-se a si mesmo, e suas riquezas eram o produto de um trabalho sadio e contínuo.

Quando sua religião pareceu solidamente restabelecida, Bochica desapareceu repentinamente.

Porém, não foi preciso muito tempo para que o povo voltasse a seus desmandos. Os costumes perverteram-se, o poder que conquistaram foi usado para o mal, escravizaram outros povos e entregaram-se à luxúria.

Então, a ira devastadora de Bachué, Suá e Chia fez-se sentir. Primeiro, enviaram uma grande seca. Os cultivos esgotaram-se, os rios deixaram de correr, os céus incandescentes esqueceram-se de chover.

Logo, veio uma grande inundação. Choveu e choveu sem tréguas. Os menores arroyos transformaram-se em caudalosas veias líquidas, os rios transbordaram, arrasando tudo, até os dois oceanos que acariciavam a região, incharam-se e subiram para a terra. Tudo, tudo foi inundado. Milhares de luas apareceram e desapareceram desde que Bochica partira, mas ainda perdurava sua lembrança entre os poucos sobreviventes do dilúvio. E a essa lembrança agarraram-se com força em suas orações, os que restaram do grande império Chibcha.

Quando as águas baixaram e finalmente retiraram-se, deixando somente lodo e desolação, os sobreviventes agruparam-se, reunindo os animais e seus pertences. E, um dia, viram chegar por entre a bruma que se levantava ao amanhecer, um ancião de barba longa, que caminhava ajudado por um cajado. Essa é, mais ou menos, a versão que me transmitiram, mas afasto-me dela para contar outras versões que escutei.

Bochica chegou, caminhando por entre a bruma e foi reconhecido sem apresentar-se, e falou assim:

– «Sou Bochica, por mim pedistes aos deuses. Voltei para ajudar-vos, de que necessitais primeiro?»

– «Fogo, responderam todos ao mesmo tempo. Fogo para secar nossas roupas, fogo para cozinhar nossos alimentos, fogo para aquecer-nos nas noites, fogo que nos reúna, que nos afaste das feras, que avise ao que se perdeu que está próximo de casa. Tudo está tão molhado que não podemos acendê-lo.»

Bochica os escutou em silêncio. Com seu cajado golpeou três vezes o solo e dos ramos empilhados surgiu lampejante a primeira chama.

E tudo foi-se tornando melhor pela mão de Bochica. O messias voltara a percorrer o reino, a ensinar a cuidar os campos, a amarem-se uns aos outros, a administrar justiça, a ser solidários e caridosos. Mas desta vez avisou-lhes:

– «Se caírem novamente na perversão dos costumes, outro castigo definitivo os arrasará.»

E Bochica não partiu. Ele mesmo quis ficar nessa terra maravilhosamente reverdecida. Quando sentiu que seu tempo chegava a seu fim, pediu a seus pais estelares que lhe devolvessem sua forma mortal.

Dirigiu-se a uma pequena elevação montanhosa e entrou em uma galeria do cerro Muza, preparando-se para morrer.

Os Chibcha, avisados de seus desejos, respeitaram a decisão do ancião. Entoaram tristes hinos, espargiram cinzas em seus cabelos em sinal de luto e apagaram os fogos das aldeias.

Quando Bochica morreu, selaram a entrada da galeria e converteram o monte em santuário. Porém, não havia transcorrido muito tempo quando ocorreu um fato incrível: o local do enterramento começou a chamejar com um brilho profundo como o do fogo que Bochica entregara aos homens após o dilúvio.

As pedras brilhavam como se fossem de fogo, mas não eram vermelhas, eram verdes como a floresta, verdes como a selva, verdes como a água profunda da laguna.

E os indígenas compreenderam que era a alma pura e sábia de Bochica que irradiava, cintilava na montanha. Outro milagre havia ocorrido: havia nascido uma gema desconhecida até então: a tumba do messias havia-se transformado em um imenso depósito de esmeraldas. Era o Fogo Verde que já não se apagaria jamais.

CUBA



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

OS PÁSSAROS DE CORES

Os pássaros iam em caravana, cruzando pontes, caminhos, voando sobre o deserto para não queimar as patas, enfiando-se nas nuvens para refrescar-se. O sabiá cantando, a mariquita nas costas da rolinha-cinzenta, a pomba levando a mensagem à frente da grande manifestação em homenagem ao Rei pelo dia do seu aniversário. Finalmente, chegam ao palácio e vão para seus lugares: a pomba no lugar de honra, Ou, o algodão, cobrindo-lhe da cabeça aos pés.

Para pa pam pa pam! E posiciona-se o Rei com sua casaca vermelha para cumprimentar os presentes. Os pássaros passam e dão-lhe a mão, o beijam e voltam a seus lugares. Mas havia um muito vaidoso, que causava inveja em todos os demais por sua cor branca. Um branco de vela, de coco, de espuma. Chamavam-no de Odilere, que é a beleza. Odilere, arrogante, fica para trás e não cumprimenta o Rei.

– «Para que vieste?» – perguntou-lhe o mocho.

– «Para bravatear» – rezingou a coruja-diabo.

Todos morriam de inveja. Menos o Rei, que, ao vê-lo branco, o chama:

– «Tu, aproxima-te.» Odilere aproxima-se e faz uma reverência. O Rei sorri com ar amistoso. E foi aí que nem o mocho, nem a coruja-diabo, nem o sabiá agüentaram mais e pegaram montes de cinza, punhados de manteiga de cacau, enxofre e tinta e jogaram em Odilere, que se transformou em um arco-íris ainda mais lindo do que quando era branco. O Rei, ao vê-lo colorido, chamou-o e colocou-lhe uma coroa como prêmio. Coroa de Cardeal. E assim, pela inveja dos feios, nasceram os pássaros de cores. Nasceu Odilere, que é a beleza.

A pomba, como não saltou, permaneceu branca. O Rei, então, nomeou-a sua mensageira oficial.

E aqui se acaba a história.

Glossário:

Odilere: significa «beleza» na língua africana Lucumí

Cardéal: pássaro de plumagem negra ou cinzenta e branca, no corpo, e vermelha na cabeça

EQUADOR



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL

NUNKUI, CRIADORA DE PLANTAS

Lenda Shuar¹

Há muitos anos, quando os Shuar começavam a povoar as terras orientais do Equador, a floresta não existia. Em seu lugar estendia-se uma planície manchada apenas por escassas ervas. Uma delas era o *unkuch*, o único alimento dos Shuar. Graças ao *unkuch*, os Shuar puderam suportar durante muito tempo a aridez da areia e o calor sufocante do sol equatorial. Lamentavelmente, um dia, a erva desapareceu e os Shuar começaram a extinguir-se lentamente. Alguns, recordando outras desgraças, colocaram a culpa em Iwia e em Iwianchi, seres diabólicos que desnudavam a terra, comendo tudo o que existia. Outros, porém, continuaram seus esforços para encontrar o ansiado alimento. Entre eles havia uma mulher: Nuse. Ela, vencendo seus temores, procurou o *unkuch* nos lugares mais escondidos e tenebrosos, mas tudo foi inútil. Sem desanimar, voltou para o lugar onde estavam seus filhos e, contagiando-os com seu entusiasmo, reiniciou com eles a busca. Seguindo o curso do rio, caminharam muitos dias, mas à medida que transcorria o tempo, o calor abrasador daquelas terras terminou por extenuá-los. Assim, um a um, os viajantes ficaram estendidos na areia.

Inesperadamente, sobre a transparência do rio apareceram pequenas rodela de um alimento desconhecido: a mandioca. Ao vê-las, Nuse lançou-se ao rio, pegando-as. Mal havia provado o alimento saboroso e doce, sentiu que seu ânimo renascia misteriosamente e em seguida correu a socorrer seus filhos. De pronto percebeu que alguém a observava no vento. Inquieta, prescruou com os olhos todos os lugares, mas apenas viu a solidão cinzenta do deserto e, subitamente, de uma dessas rajadas que silvam longínquas surgiu uma mulher de beleza primitiva. Nuse retrocedeu assustada, mas ao descobrir a doçura no rosto da mulher, perguntou-lhe:

— «Quem é a senhora?»

– «Eu sou Nunkui, dona e soberana da vegetação. Sei que o teu povo vive em uma terra desnuda e triste, na qual cresce apenas o *unkuch*, mas...»

– «O *unkuch* não existe mais! Era nosso alimento e desapareceu. Por favor, senhora, sabe onde posso encontrá-lo? Sem ele todo o meu povo morrerá.»

– «Nada lhes acontecerá, Nuse. Tu demonstraste coragem e por isso te darei não apenas o *unkuch*, mas todo tipo de alimentos.» Em segundos, diante dos surpresos olhos de Nuse, apareceram hortas de ramagens perfumadas. Nuse ficou extasiada, pois jamais havia visto nada semelhante: a paisagem era majestosa e a música que cantava a floresta tocou-lhe o coração. Nunkui continuou:

– «E para o teu povo, que hoje luta contra a morte, darei uma filha prodigiosa, que tem a virtude de criar o *unkuch* e a mandioca que comeste e a banana e...»

– «Obrigada, Nunkui. Obrigada!»

Nunkui desapareceu e em seu lugar surgiu a menina prometida. Nuse ficou deslumbrada pelo que viu e ainda não havia saído de seu assombro quando a pequena guiou-a pela densa floresta. Sentiu-se tão à vontade, que desejou permanecer ali para sempre. Entretanto, a lembrança de seu povo a entristeceu. Então, a menina, a filha de Nunkui – como logo a chamaram – anunciou-lhe que também no território dos Shuar a vegetação cresceria majestosa. Alvorçada, Nuse reanimou seus filhos e retornou a seu povoado. Quando chegaram, a menina cumpriu sua promessa e a vida dos Shuar mudou por completo. A dor foi esquecida. As plantas cresceram nas hortas e cobriram o solo de esperança.

Glossário:

Unkuch: erva da floresta usada pelos povos indígenas na alimentação.

¹ N. do T. Shuar: grupo indígena (Jivaroano) mais numeroso da Amazônia equatoriana.

MÉXICO



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL



A MULATA DE CÓRDOBA

Lenda Colonial

Conta a lenda que há mais de dois séculos viveu na cidade de Córdoba, no Estado de Veracruz, uma bela mulher que nunca envelhecia, apesar dos anos.

Chamavam-na de a Mulata, e ela era famosa como a advogada dos casos impossíveis. Os trabalhadores sem trabalho, as moças sem namorado, os médicos sem doentes, os advogados sem clientes, todos acudiam a ela.

Os homens encantados com sua beleza queriam conquistar seu coração. Mas ela não correspondia a nenhum e a todos desdenhava. As pessoas comentavam os poderes da Mulata e diziam que ela era uma bruxa, uma feiticeira.

Alguns asseguravam que a tinham visto voar pelos telhados e que seus olhos negros emanavam olhares satânicos quando sorria com seus lábios vermelhos e dentes alvos. Outros contavam que à noite uma luz infemal desprendia-se das janelas de sua casa, como se um poderoso inferno devorasse os quartos por dentro.

A fama daquela mulher era imensa. Seu nome era repetido de boca em boca.

Ninguém sabe quanto durou a fama da Mulata. O que se sabe é que um dia foi levada presa da Vila de Córdoba para as sombrias cárceres do Tribunal da Inquisição, na cidade do México, acusada de bruxaria.

Na manhã em que seria executada, o carcereiro entrou no calabouço da Mulata e surpreendeu-se ao ver em uma das paredes da cela o desenho

de um navio feito a carvão pela Mulata, que lhe perguntou com um grande sorriso:

– «Carcereiro, o que falta a este navio?»

– «Desgraçada mulher, preocupa-te com as tuas faltas.»

– «Diga-me, o que falta a este navio?»

– «Falta-lhe o mastro.»

O carcereiro, sem entender o que estava acontecendo, retirou-se confuso. Ao meio-dia o carcereiro entrou novamente na cela e contemplou maravilhado o barco que a mulher havia desenhado.

– «Carcereiro, carcereiro, o que falta ao meu navio?»

– «Infeliz mulher, pensa em salvar a tua alma das chamas e deixa esse navio... ao navio, faltam-lhe as velas.»

A Mulata olhou o carcereiro com um grande sorriso, levantou a mão e traçou as velas. O carcereiro retirou-se intrigado com aquela mulher.

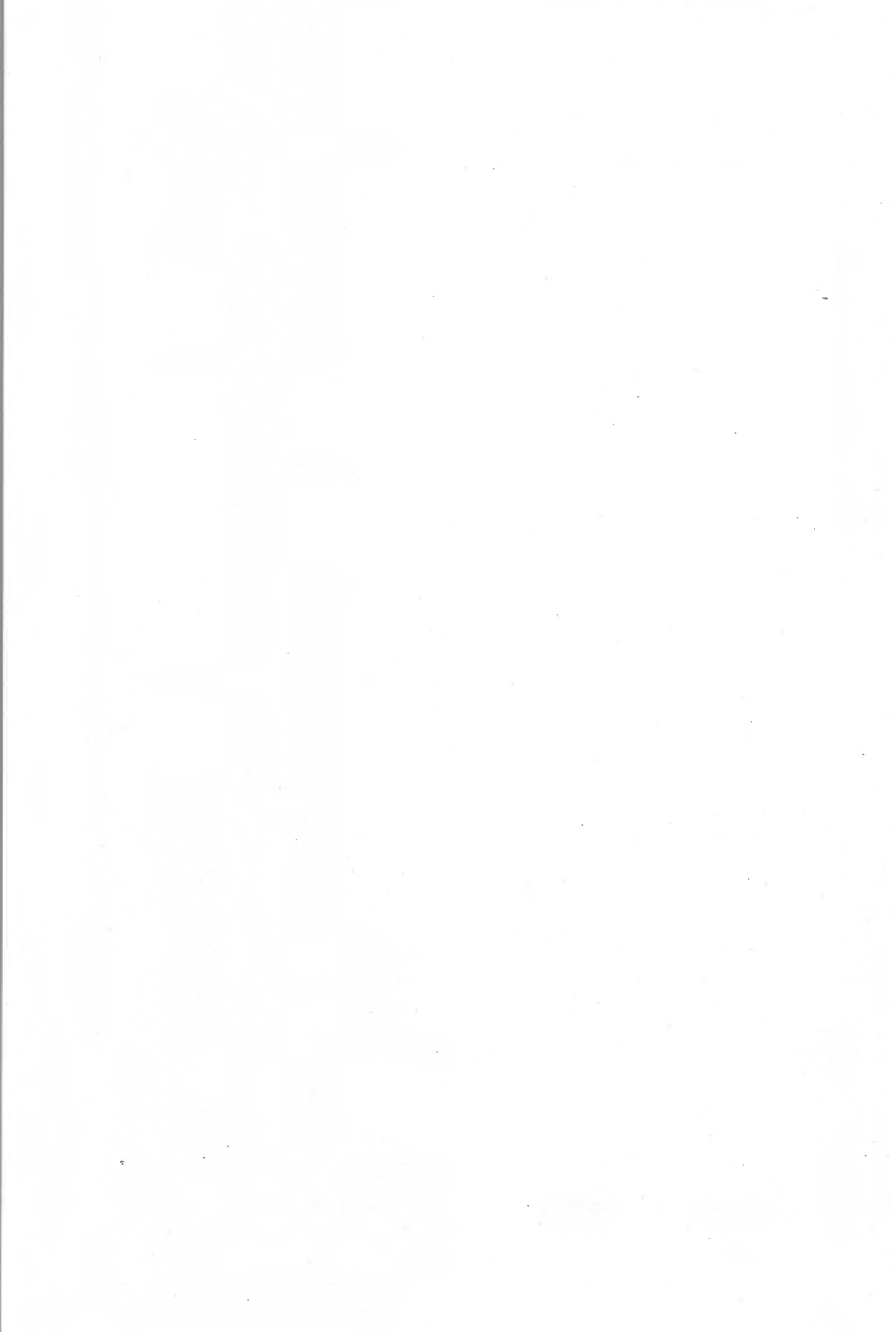
Ao crepúsculo, hora da execução, voltou o carcereiro acompanhado de outros guardas. Ali estava ela, sorridente, contemplando seu barco. E novamente perguntou:

– «Carcereiro, carcereiro, o que falta ao meu navio?»

– «O que lhe falta? A única coisa que falta para esse barco ser prefeito é navegar.»

Nesse momento, a Mulata deu um grande salto, subiu no navio e saiu navegando por um dos cantos do calabouço.–

Quem acredita em histórias de feiticeiras que tente pintar barcos nas paredes...



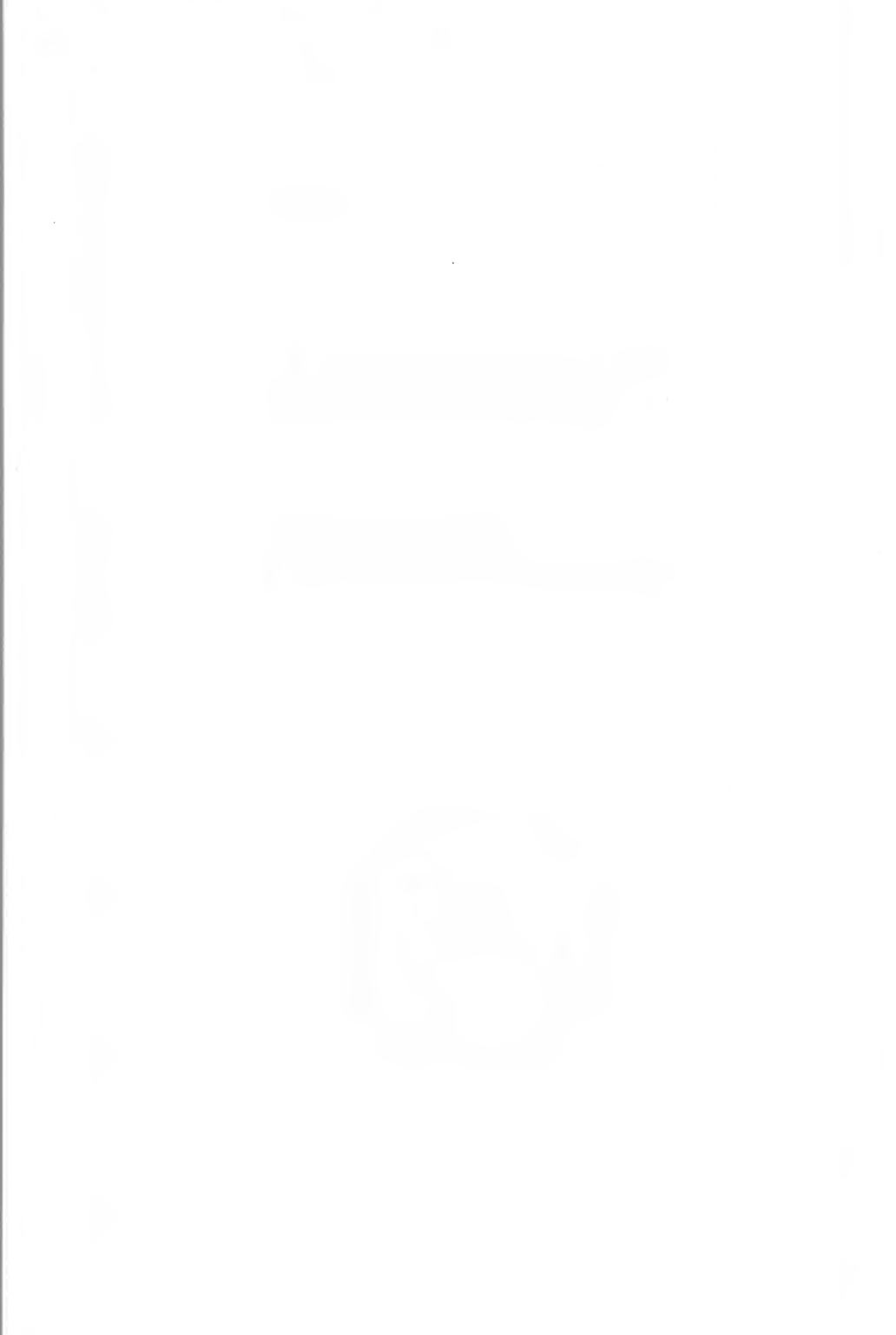
PARAGUAI



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL



O ÑANDUBAY¹

Segundo a tradição oral, há muitos séculos, uma poderosa tribo Guaraní foi governada por um cacique de bravura indiscutível, mas de coração duríssimo, chamado Corumbé, que jamais se comoveu minimamente com o infortúnio alheio.

O bravo cacique era pai de uma donzela que se destacava por sua bondade e vontade de ajudar a seus familiares e amigos, o único ser no mundo a quem ele amava, ainda que a seu modo: com feroz egoísmo.

Entre os guerreiros da tribo destacava-se Umanday, ágil como o veado-virá, de flechada certa como o jaguar em pleno salto e de vista aguda como os falcões. Sua coragem, destreza e força não passaram despercebidas a Ivtí. Os dois jovens aproveitavam a distração do ciumento e temível pai para encontrar-se e conversar.

Numa tarde de verão, o jovem e a indiazinha estavam trocando algumas palavras, fazendo planos para o futuro em conjunto, quando apareceu, em uma clareira da floresta, o feroz Corumbé, interrompendo com furiosos gritos e terríveis gestos aquela cena idílica.

– «Traidor!» – gritou o cacique, dirigindo-se ao jovem surpreso – «Prepara-te para prestar contas de tua falta, pois agora mesmo te matarei como a uma víbora.»

– «Amo sua filha Ivtí e quero desposá-la. Pode matar-me se acha que é justo. Acatarei resignado sua decisão e não me ofenderei.»

Foi nesse momento que o desalmado Corumbé sentiu germinar em seu cérebro uma idéia diabólica, brutal, como eram todas as suas idéias.

– «Já que asseguras querer tanto a Ivtí, te colocarei à prova para saber se és digno dela» – disse ao guerreiro apaixonado.

– «Terás que permanecer em pé neste mesmo lugar, sem dar sequer um passo, até que eu regresse, dentro de três dias. Se me desobedeceres, o guarda que deixarei aqui te furará a flechadas imediatamente. Mas, se te manténs firme, te prometo que será tua a mão de minha filha.»

– «Aceito sua proposta» – respondeu com voz serena e com atitude resoluta o apaixonado Umanday.

Assim, aguardou sem se mover até que transcorresse o prazo marcado. Passou a noite, amanheceu o novo dia, voltou o crepúsculo e outra vez, a aurora. E o corajoso rapaz continuava de pé.

Os ardentes raios de sol de verão penetravam seu crâneo, as mutucas e os mosquitos cravavam-lhe avidamente o ferrão nas carnes desnudas. Os corvos esvoaçavam sobre sua cabeça, diminuindo cada vez mais o círculo que formavam em torno dela.

Para afugentar o sono, o jovem mordida-se os lábios, cravava-se as unhas no peito. Mas o cansaço e o sofrimento iam pouco a pouco dobrando suas pernas, que não saíam do lugar.

Expirou o prazo determinado sem que Umanday, já inconsciente, se desse conta disso. Apenas após cinco dias o cacique voltou àquele lugar. O jovem índio já não respirava, mas continuava erguido e firme, como no princípio.

Trêmulo de espanto, Corumbé deu-lhe um violento empurrão, sem conseguir derrubá-lo. Então, olhou para baixo e percebeu que os pés de Umanday estavam enraizados na terra, que suas retorcidas pernas haviam-se unido formando um duríssimo tronco de casca acinzentada, e que de sua cabeça, de seus braços e corpo brotavam ramas espinhentas, duras e retorcidas.

Acabara de nascer o ñandubay, a árvore sofrida e robusta como o índio que a sustentava com seus nervos e músculos, com seus poderosos ossos e com seu sangue bravo e indomável.

¹ N. do T. Ñandubay: espécie de algarobeira, árvore do gen. *Prosopis*, de caule tortuoso e boa madeira, nativa do Paraguai e norte da Argentina.



PERU



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL



O MENSAGEIRO DO SOL

Os condores são os donos dos Andes. O estranho aspecto que lhes confere seu vistoso colar branco e a natureza feroz que os distingue fizeram-nos o animal característico – simbólico diríamos – das regiões andinas.

Há muito tempo nasceu nos Andes um condor. Seu pescoço era branco e suave. Havia nele algo que o distinguia de seus companheiros. Seu vôo era mais amplo e atrevido, sua atitude, mais majestosa. Assomava às nuvens e lançava-se velozmente para lugares ignorados e distantes. Os amplos limites dentro dos quais se moviam seus companheiros pareciam-lhe excessivamente reduzidos para sua sede de distâncias e horizontes. Os demais condores observavam com inveja e despeito o belo soberano dos céus. Finalmente, o condor aventureiro decidiu partir. E assim fez, e um dia foi visto, dirigindo-se para o Norte.

Naquela época, Cuzco, a capital, animava-se com os preparativos para a festa do *Raymi*¹, em que se sucediam brilhantes cerimônias de guerra e religiosas. Os *curacas*² e capitães dos Inca, vestidos com magníficas peles de raposa e adornados com grinaldas de flores, enchiam a cidade. Em suas mãos, habituadas à luta, apertavam com coragem as armas vitoriosas: as lanças, as flechas leves e as temíveis achas. Povo e guerreiros aguardavam com religiosa impaciência na praça Haucaipata a chegada do Inca. O sonoro clamor de *quenás*³ e tambores anunciou sua proximidade. E sucedeu-se um grande silêncio.

Era o romper da aurora. O sol, ao nascer, estendia seu tremor rosado. Diante do deus luminoso ajoelhavam-se os vasalos do Inca. Somente Huaina-Capaj, o descendente do Sol, permaneceu de pé. Era naquele momento o sumo sacerdote; avançou para o altar e com as duas mãos pegou as copas de ouro e a *alquilla*⁴ sagrada. Convidou para a sagrada libação ao Sol, seu Senhor. Depois, levou aos lábios a copa que segurava

com a mão direita e, ao mesmo tempo, inclinou a que trazia na mão esquerda e verteu seu conteúdo ao solo. Os presentes contemplavam em silêncio o mudo ritual. Aproximaram-se os familiares de Huaina-Capaj e beberam da copa do Inca. Em seguida, o Rei ofereceu uma copa a seus *curacas* e outra aos sacerdotes. Todos beberam com religiosa devoção o líquido preparado para a cerimônia sagrada pelas virgens, reclusas na «casa das escolhidas». Depois, começaram a andar, e à frente da multidão ia Huaina-Capaj. Chegaram, então, ao grande templo do Sol. Humildemente, todos os presentes ajoelharam-se. O Inca avançou até a porta e penetrou no recinto sagrado. Levava em suas mãos as copas de ouro para oferecer ao Sol. E, a seguir, o deus recebeu a homenagem do povo: os nobres *curacas* depositaram ricas dádivas de ouro e prata. Os vassallos humildes sacrificaram suas ovelhas e raposas diante da divindade solar. Alguns levavam serpentes e lagartixas e oferendas ainda mais estranhas.

Concluída a cerimônia propiciatória, regressaram à praça Haucaipata. Aproximava-se o momento supremo em que se iria revelar o que os deuses reservavam aos servos de Huaina-Capaj. Perante o altar dos sacrifícios, erguido na praça, foi levado um cordeiro negro de espessa lã e bem cevadas carnes. Os áugures o redearam. Abriram-lhe os flancos e extraíram suas vísceras, em que ainda alentava, palpirante, a vida. Um silêncio, um angustiado desejo estremecia a multidão. Os sacerdotes ofereceram as vísceras à contemplação de toda a gente. Houve um clamor dolorido: os pulmões haviam-se rebentado e do coração brotava abundantemente o sangue. Huillac-Umo pronunciou seu augúrio: grandes calamidades prometiam obscurecer o reinado do nobre príncipe.

Sobre as nuvens desenhou-se a silhueta de uma ave de extraordinária magnitude e vôo magnífico. E atrás dela lançou-se uma verdadeira bandada de águias e falcões. Entabulou-se um desigual combate jamais visto. Da praça, o Inca, os sacerdotes e o povo acompanhavam com interesse o desenvolvimento da luta. Invulnerável aos assaltos, a ave majestosa derrubou uma atrás da outra todas as águias, e os falcões, aterrorizados,

dispersaram-se rapidamente. Por alguns instantes, a vencedora deu voltas no céu espaçoso. E afastou-se.

Falou Huillac-Umo:

– «O Sol disse: este é o meu enviado, o condor vitorioso. Ele leva minha mensagem ao povo dos Incas. Huaina-Capaj vencerá todas as dores e superará todos os perigos.»

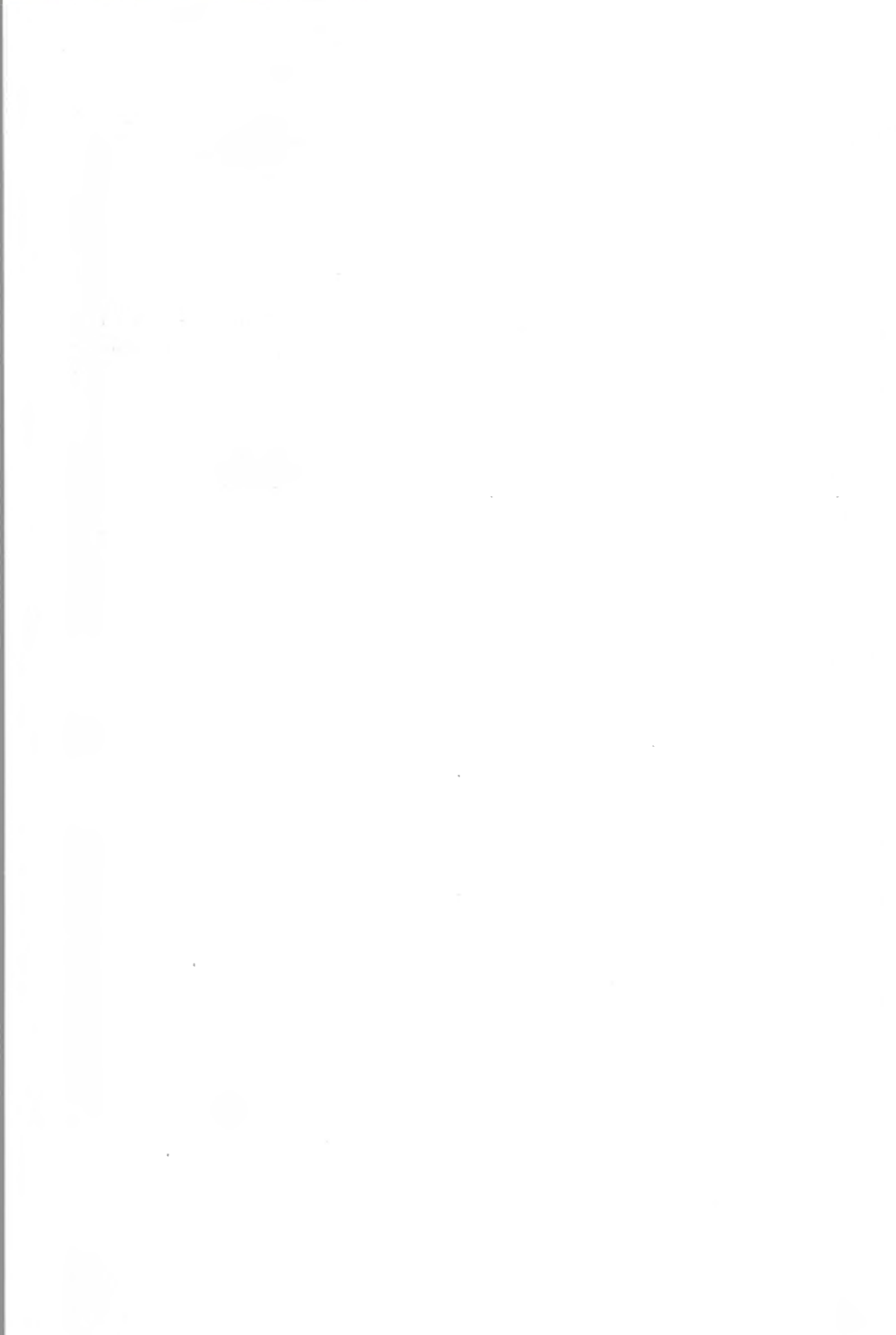
Desde então, os Inca adotaram o condor, o senhor orgulhoso dos Andes, como símbolo do glorioso poder do Império do Sol.

¹ N. do T. *Inti Raymi*: festa do sol, realizada em Cuzco em honra ao deus Sol, no solstício de inverno.

² N. do T. *Curaca*: governador, cacique.

³ N. do T. *Quena*: flauta primitiva, originalmente de túbias e depois de bambu, usada pelos índios peruanos e mexicanos.

⁴ N. do T. *Alquilla*: copa de metal.



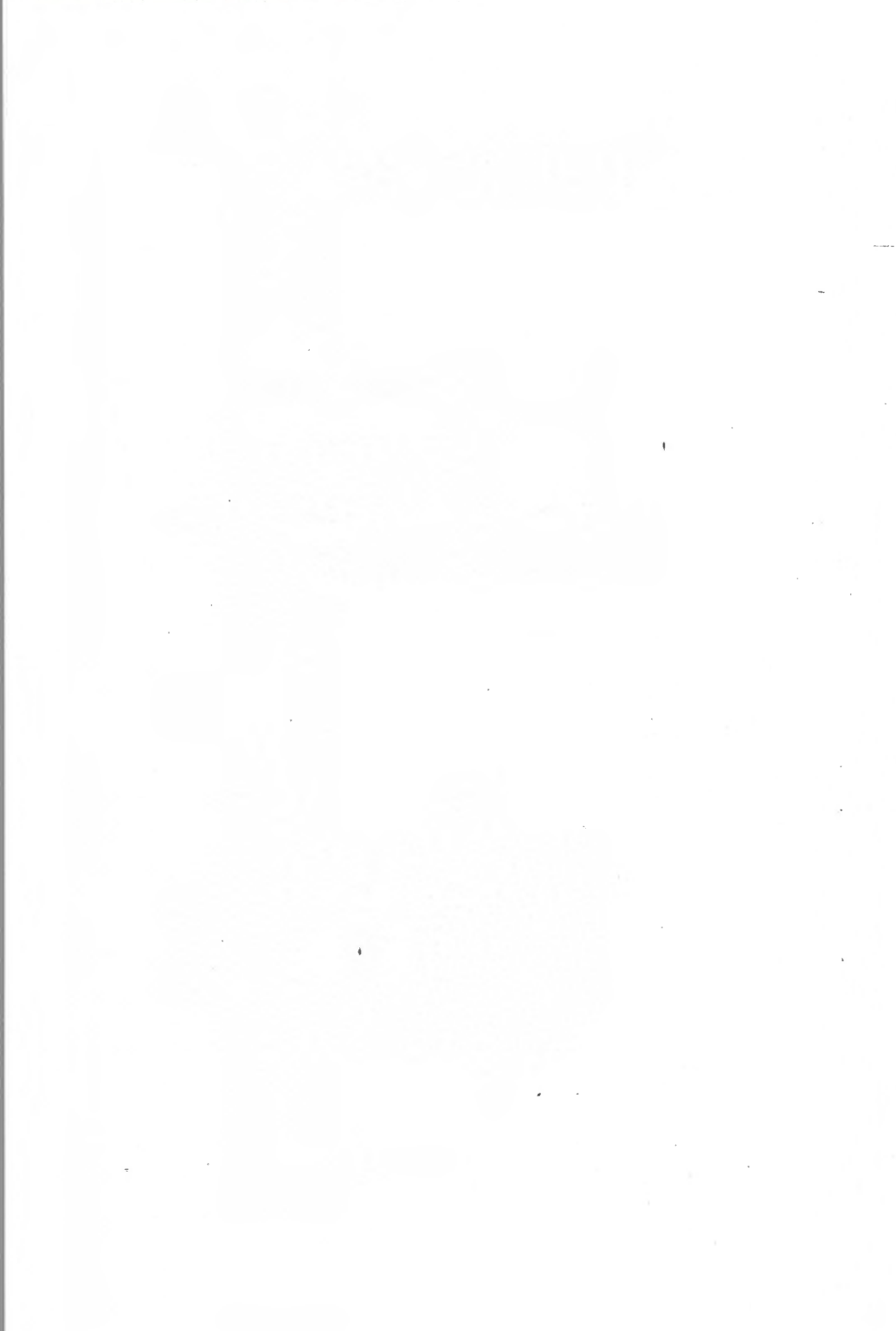
URUGUAI



BANDEIRA NACIONAL



ESCUUDO NACIONAL



AS TRÊS MARIAS OU LAIDETÍ

Lenda Charrua

Dizem que no tempo de Magalona e Yandinoca, um jovem guerreiro Charrua, chamado Huatí, estava enfeitado pelo amor de uma moça da comunidade vizinha. O nome da moça era Ukái.

Ukái disse a Huatí que se ele desejava casar-se com ela, deveria trazer-lhe o arco-íris, símbolo de pureza e felicidade eterna.

Huatí, então, planejou duas viagens. Na primeira, foi pedir apoio aos espíritos, jejuando no alto de um monte ritual, para que os acompanhantes invisíveis enviassem suas mensagens. Depois, partiu em sua segunda viagem, advertindo que começava a estação das chuvas, que é a melhor para que o arco-íris mostre na distância seu pé esquivo.

No quarto dia, as chuvas o alcançaram, e somente no quinto apareceu o primeiro arco-íris, que aparecia e desaparecia, apagado e sem contorno, mas ainda um arco-íris.

Ninguém corre como um Charrua e nenhum Charrua, como Huatí e nunca Huatí correu tanto como daquela vez. Chegou a terras desconhecidas, mas o arco-íris continuava tão distante como no princípio.

Em sonho os espíritos disseram-lhe que não se distanciasse demais, que empreendesse a volta, por que o arco-íris estava igualmente próximo e igualmente distante em qualquer direção em que ele avançasse.

Voltando à sua aldeia, caminhou sob a chuva e, então, apareceu um arco-íris intenso, de uma luminosidade extraordinária. Mas dessa vez não correu, fez girar o *laidetí* sobre sua cabeça. As três bolas de pedra, perfeitamente talhadas, silvaram como víbora ameaçadora e varejaram pelo ar buscando o arco luminoso.

Todos sabem que, quando se arremessa a boleadeira, ela não se desloca de forma direta, mas empreende um vôo parabólico. Primeiro, eleva-se girando e, depois, volta em curva ao solo em uma viagem perfeitamente retilínea.

Huatí arremessou sua boleadeira para o alto e, então, por um estranho feitiço, ficou como uma estátua de pedra.

Ao longe, onde estava Ukái, a aldeia inteira ficou paralizada no tempo e também empedrada. E a boleadeira elevou-se como pontos luminosos entre as estrelas.

Alguns as chamam Três Marias, outros povos as chamaram «o cinturão de Órion».

As boleadeiras de Huatí continuam sua viagem cósmica, em movimentos imperceptíveis, mas os tempos do Céu são distintos, e suas pedras, para nós, parecem estar paradas.

Assim, continuamos esperando e desejando que as Três Marias se entrelacem, apaixonadas, ao arco-íris.

Fonte: Gonzalo Abella (Uruguai)

Glossário:

Laidetf - Lai: Bola para lançar

Detf: Três

¹ N. do T. Laidetf: boleadeira de três bolas, também chamada no Brasil (Rio Grande do Sul) de três-marias.

VENEZUELA



BANDEIRA NACIONAL



ESCUDO NACIONAL



O CERRO NEGRO

Atravessando o povoado de Santa Ana e seguindo, à esquerda, por um caminho descendente e que depois volta a subir para o Cerro Negro, passando pela aldeia Chucurí, por La Blanquita e pela quebrada do mesmo nome, chega-se ao pé do cerro, quase tapado pela mata. Nesta região buscou refúgio o cacique Manaure.

Manaure deixou suas terras e, perseguido pelos conquistadores, refugiou-se em um cerro. Distante dos povoados espanhóis, foi fácil para ele subsistir nestas paragens de caça e pesca abundante. As árvores corpulentas, os parasitas e, enfim, a densa vegetação do ingá, jambos e bananas serviam-lhe também de alimento.

Construiu sua cabana o mais dentro da floresta possível, em uma pequena clareira rodeada de árvores. Era um mirante natural de onde se divisava qualquer manobra dos conquistadores. Deste planalto, Manaure contemplava embevecido a paisagem: os córregos de águas cristalinas, as montanhas, as sumaúmas e os mulungus em sua esplêndida floração, incendiando a paisagem, o vale de vegetação baixa. Tudo era propício para uma vida tranqüila.

Manaure e sua tribo deixavam passar o tempo. O clima benigno e a fertilidade da região os conquistou, ficaram naquele lugar. Construíram suas cabanas e semearam algumas plantas quando o *piache'* achou conveniente.

Tempos depois, os soldados espanhóis surpreenderam um índio que subia para o Cerro Negro, fizeram-no prisioneiro e seguiram seus rastros para descobrir o assentamento indígena.

O pé do cerro estava fechado pelo mato. Sumaúmas, ingás, cedros, cuiaranas entrelaçavam-se com arbustos, trepadeiras, parasitas, formando

uma cortina, um muro difícil de penetrar. Subitamente a paisagem escureceu, cobertas por nuvens cinzentas. Desencadeou-se uma furiosa tormenta com trovões e relâmpagos.

– «Que estranho!» – exclamaram.

– «Estamos em pleno verão e a temperatura caiu. Vamos correr para o vale antes que a tormenta nos extermine.»

Quando deram as notícias ao capitão, ele escutou incrédulo. Mais tarde, os índios seriam encurralados e os espanhóis venceriam.

Em várias oportunidades tentaram chegar ao Cerro Negro e sempre com os mesmos resultados: espessas nuvens negras escureciam o ambiente e do céu caíam enormes pedras de gelo acompanhadas de trovões e centelhas.

Por fim, abandonaram a empresa por considerá-la impossível e o cacique Manaure viveu por um tempo feliz naquela floresta onde a natureza era sua aliada.

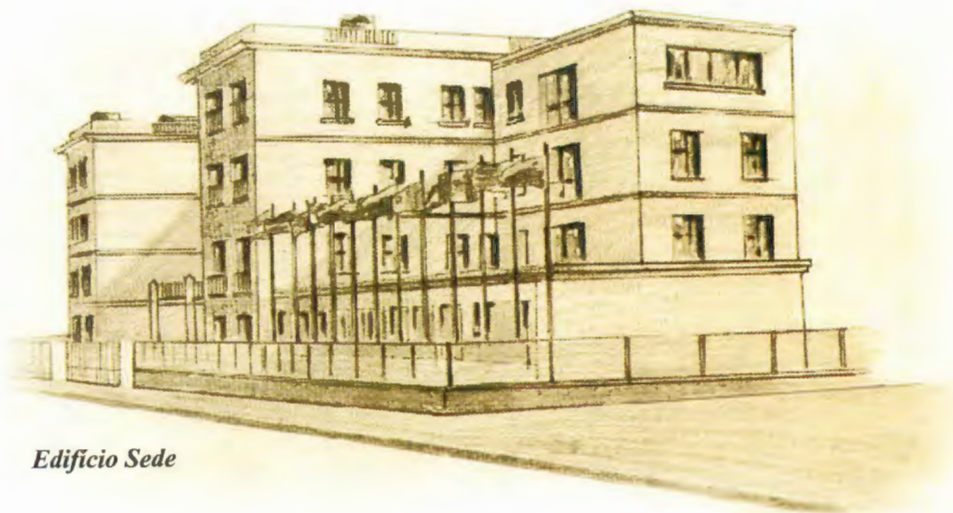
Não se sabe para onde foi o cacique e sua gente, mas o Cerro Negro continua lá, majestoso e imponente. Hoje também o chamam de Cerro do Índio ou Cerro Negro.

¹ N. do T. Piache: líder espiritual e conservador das tradições, xamã.

ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO	1
O QUE É A ALADI?	5
LENDAS	9
- Argentina: A Árvore do Milagre	13
- Bolívia: As Grutas de Illimani	19
- Brasil: A História de Iasá	25
- Chile: O Poder das <i>Wakas</i>	29
- Colômbia: A Lenda das Esmeraldas	33
- Cuba: Os Pássaros de Cores	39
- Equador: Nunkui, Criadora das Plantas	43
- México: A Mulata de Córdoba	47
- Paraguai: O <i>Ñandubay</i>	53
- Peru: O Mensageiro do Sol	59
- Uruguai: As Três Marias ou <i>Laidetf</i>	65
- Venezuela: O Cerro Negro	69

Impresso nas Oficinas Gráficas
da Secretaria-Geral da ALADI
Depósito Legal N° 388.856/00
Direitos Reservados
Montevideú (Uruguai), setiembre 2004.



Edificio Sede



Cebollatí 1461 - CEP 11200, Montevidéo-Uruguai
Telefonos: (598-2) 410.1121 - Fax: (598-2) 419.0649
E-mail: sgaladi@aladi.org

www.aladi.org